

LIVROS INFANTIS ADEQUADOS PARA UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: A EXPERIÊNCIA DE BOLSISTAS PIBID DA FFC/UNESP/MARÍLIA

Fátima Inês Wolf de Oliveira¹

Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília

Ariane da Silva Rodrigues²

Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília

Mariana Paula Pereira Scavoni³

Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília

Marina Serracchiani Ferrari⁴

Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília

Resumo: Este artigo narra a experiência de algumas bolsistas do Subprojeto PIBID Pedagogia Alfabetização FFC, que têm desenvolvido, entre suas atividades: planejamento, análise, confecção e adequação de livros de histórias infantis para que possam ser lidos e melhor compreendidos por uma criança com deficiência visual. A ideia surgiu a partir da constatação que a escola em que a aluna está matriculada não possui em seu acervo tais recursos. Os livros seguiram critérios de adequação e confecção presentes na literatura específica da área e os resultados apontaram que a aluna demonstrou interesse e motivação para a execução da tarefa de ler as histórias com as adequações realizadas.

Palavras-chave: Inclusão Escolar; Livros Infantis Adaptados; Ensino de Deficientes Visuais.

ADAPTED INFANTILE BOOKS FOR A CHILD WITH VISUAL DEFICIENCY: THE EXPERIENCE OF SCHOLARSHIP HOLDERS PIBID OF THE FFC/UNESP/MARÍLIA

Abstract: This article tells the experience of some scholarship holders of Subproject PIBID Pedagogy Literacy FFC, who have developed, between its activities: planning, analysis, confection and adequacy of books of infantile histories so that they can be read and better understood for a child with visual deficiency. The idea arose from the fact that the school in which the pupil is enrolled does not have in its collection such resources. The books followed the criteria of adequacy and present in the literature of specific preparation area and the results pointed to the schoolgirl showed interest and motivation to run the task to read the stories with the adjustments that are made.

Keywords: Scholar inclusion; Adapted Infantile Books; Education of Visual Impairments.

¹ Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília/SP. E-mail: fatimaineswolf@hotmail.com

² Aluna do Curso de Pedagogia da FFC/UNESP/Marília/SP. Bolsista do Subprojeto PIBID Pedagogia Alfabetização/FFC. E-mail: arianersunesp@hotmail.com

³ Aluna do Curso de Pedagogia da FFC/UNESP/Marília/SP. Bolsista do Subprojeto PIBID Pedagogia Alfabetização/FFC. E-mail: mariana.scavoni@gmail.com

⁴ Aluna do Curso de Pedagogia da FFC/UNESP/Marília/SP. Bolsista do Subprojeto PIBID Pedagogia Alfabetização/FFC. E-mail: marinhaferrari@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O Subprojeto PIBID Pedagogia Alfabetização⁵ da Faculdade de Filosofia e Ciências, em Marília/SP, busca desenvolver, entre outras, ações dos licenciandos/bolsistas do Curso de pedagogia em espaço colaborativo de trabalho junto a professores da rede municipal de ensino da cidade de Marília, SP, que atuam em duas escolas parceiras, no planejamento, confecção e acompanhamento da utilização de recursos educacionais de Tecnologia Assistiva.

Este artigo, especificamente, pretende apresentar resultados das experiências de algumas bolsistas que têm observado os comportamentos de uma criança com deficiência visual, cegueira, em situação de leitura em sua classe de 2º. ano do Ensino Fundamental. Em suas observações as bolsistas constataram que essa criança não realizava a leitura de livros de histórias infantis, a exemplo de seus colegas videntes, pelo simples fato de que a escola não dispunha dessas obras adequadas em Braille e em relevo tátil.

A literatura nos diz que a deficiência visual compreende, desde pequenas alterações na acuidade visual até a ausência de percepção de luz, porém, as alterações que têm implicações mais graves para a vida das pessoas com necessidades especiais e, em consequência, para as suas famílias, são a baixa visão e a cegueira (LAPLANE E BATISTA, 2008). Tais implicações têm motivado pesquisadores a investigar possibilidades de adequação e acesso dessa população aos conteúdos escolares. Um exemplo desses estudos pode ser identificado no trabalho de Pelosi (2007) que propôs a implementação de uma biblioteca adaptada cujo objetivo principal era oportunizar

⁵ Esse Subprojeto, que constitui o Projeto Institucional PIBID/CAPES/UNESP/2009, foi coordenado, entre abril de 2010 e abril de 2011, pela Professora Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti, tendo como colaboradora a Dr^a. Fátima Inês Wolf de Oliveira. A partir de maio de 2011, a professora Fátima I. W. Oliveira passou a exercer a função de Coordenadora, e a professora Maria do Rosário L. Mortatti, a de colaboradora. Nesse Subprojeto, estão envolvidos 20 licenciandos bolsistas do Curso de Pedagogia da FFC/Marília/SP e duas bolsistas-professoras supervisoras de classes de 2º. ano e 4ª série do Ensino Fundamental, das duas escolas parceiras: Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Prof. Olímpio Cruz” e EMEF “Governador Mário Covas”, vinculadas à Secretaria Municipal de Educação de Marília-SP (SME -Marília).

maior acesso à leitura para crianças e jovens, com graus variados de comprometimento, incluindo crianças com baixa visão, cegueira, déficit motor, dificuldades de aprendizagem ou com pouco interesse na leitura. Esses sujeitos tinham em comum a dificuldade de comunicação e a necessidade de imersão nos símbolos para ampliarem suas habilidades comunicativas através de recursos, estratégias e técnicas da comunicação alternativa.

Em outros estudos também foi constatado que, professores da Educação Infantil e das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, que trabalham com crianças que apresentam deficiência visual salientam que existem poucas possibilidades de elucidação de dúvidas ou esclarecimentos sobre necessidades educacionais desses alunos, seja na literatura ou em ações sistematizadas pelos órgãos competentes (OLIVEIRA, 1995; 2001; 2009). A população de alunos com deficiência visual, pelas características inerentes a sua limitação, requer atenção especial no planejamento das atividades e participação efetiva dos seus educadores em ações que atualizem seus conhecimentos sobre novas tecnologias e recursos educacionais adequados.

Educar, considerando a diversidade, é o mesmo que ensinar em um contexto educacional no qual as diferenças individuais e, entre todos os membros do grupo (classe), são consideradas como oportunidades para enriquecer e flexibilizar o conteúdo curricular previsto no processo ensino-aprendizagem. Ao realizar essas adequações há grande possibilidade de proporcionar maior acesso e participação dos seus estudantes além de favorecer experiências inovadoras para o desenvolvimento acadêmico, afetivo e social de todos.

A transformação pedagógica das escolas, exigida pela inclusão, vai além da visão reducionista de simplesmente adaptar ou adequar atividades escolares para esse ou aquele aluno com deficiência. A inclusão envolve uma mudança de paradigma educacional, que está condicionada a uma reorganização das práticas escolares: planejamentos, formação de turmas, currículo, avaliação, gestão do processo educativo, capacitação profissional, ações que, para

tornarem-se exitosas, dependem de esforço conjunto de toda equipe escolar, da família e da comunidade.

Alguns aspectos têm sido apontados como favorecedores no processo de inclusão escolar, tais como, o desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança, baseada em suas habilidades e não em suas deficiências, que incorpore conceitos como interdisciplinaridade, individualização, colaboração, e conscientização/sensibilização (CAVALCANTE, 2000). Nesse sentido, as bolsistas envolvidas nas atividades que serviram de escopo para esse artigo, vinculadas ao Subprojeto PIBID, planejaram alternativas para proporcionar à aluna com deficiência visual acesso à leitura das histórias infantis adequadas às suas especificidades.

Os bolsistas envolvidos nas ações do Subprojeto se reúnem com a Professora colaboradora uma vez por semana, nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências, para discutir sua participação nas escolas parceiras junto às crianças em processo de inclusão escolar. Nessas discussões, que acontecem nas reuniões específicas de orientação, surgiram questões tais como: A deficiência visual pode interferir significativamente na compreensão e na aprendizagem da leitura? De que forma podemos aproximar o mundo das histórias infantis das crianças com cegueira? A discussão motivou três bolsistas para o desenvolvimento desse trabalho que teve por objetivo geral: promover adequações em livros de história infantil que proporcionassem possibilidade de leitura pela criança deficiente visual. Os objetivos específicos foram: - observar os comportamentos da aluna em situações de leitura; - adequar quatro livros de histórias infantis para possibilitar sua leitura pela criança; - acompanhar a utilização dos livros adequados e sua leitura pela aluna.

O trabalho realizado seguiu abordagem de cunho qualitativo, pois, segundo André (1998, p. 17) “leva em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas”.

Na consecução apresentamos o desenvolvimento das ações das bolsistas.

2 LOCAL E PARTICIPANTES

O estudo foi realizado em uma das escolas parceiras desse Subprojeto, que pertence à rede municipal da cidade de Marília, no Estado de São Paulo. A aluna com deficiência visual que foi observada e para quem foram confeccionados os livros foi Paula (nome fictício), que tem bom desempenho acadêmico, frequenta o 2º. ano do ensino fundamental pela manhã, está alfabetizada pelo Sistema Braille e realiza grande parte das atividades solicitadas pela professora da classe. Além de frequentar o ensino regular a aluna também participa uma vez por semana, no período vespertino, da Sala de Recursos de Atendimento ao Deficiente Visual, subordinada à Secretaria Estadual de Educação. Do atendimento especializado nessa sala vêm textos e exercícios escritos em Braille para a aluna ler e desenvolver tarefas na classe comum. As bolsistas que desenvolveram as ações com a aluna foram Ariane, Mariana e Marina, todas vinculadas ao Subprojeto.

3 PROCEDIMENTOS

As técnicas de trabalho de campo foram observação participante, adequação dos livros infantis (segundo critérios previamente estabelecidos) e, acompanhamento da leitura dos livros adequados. Sobre essas técnicas Minayo (1994, p. 59) afirma que a observação participante: “realiza-se através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.”

As observações do desempenho da aluna aconteceram nos meses de março, abril, maio e junho de 2011, sendo que as bolsistas permaneciam na sala de aula, uma vez por semana cada

uma, totalizando dessa forma, três manhãs por semana de atividades desenvolvidas na classe de Paula, durante os quatro meses.

A partir dos comportamentos da aluna observados pelas bolsistas nos dois primeiros meses procedeu-se à adequação dos livros de histórias infantis. Nos meses seguintes, maio e junho, foram observados os comportamentos da aluna durante o momento da leitura dos livros adequados às suas especificidades.

A seguir, apresentamos os critérios que nortearam as adequações realizadas nos livros, segundo Cerqueira e Ferreira (2000):

Na seleção, adaptação ou elaboração de recursos didáticos para alunos com deficiência visual, o professor deve levar em conta alguns critérios para alcançar a desejada eficiência na utilização dos mesmos, tanto para crianças cegas como para as crianças de baixa visão.

Tamanho: os materiais devem ser confeccionados ou selecionados em tamanho adequado às condições dos alunos. Materiais excessivamente pequenos não ressaltam detalhes de suas partes componentes ou perdem-se com facilidade. O exagero no tamanho pode prejudicar a apreensão da totalidade (visão global).

Significação Tátil: o material precisa possuir um relevo perceptível e, tanto quanto possível, constituir-se de diferentes texturas para melhor destacar as partes componentes. Contrastes do tipo: liso/áspero, fino/espesso, permitem distinções adequadas.

Aceitação: o material não deve provocar rejeição ao manuseio, fato que ocorre com os que ferem ou irritam a pele, provocando reações de desagrado.

Estimulação Visual: o material deve ter cores fortes e contrastantes para melhor estimular a visão funcional do aluno deficiente visual.

Fidelidade: o material deve ter sua representação tão exata quanto possível do modelo original.

Facilidade de Manuseio: os materiais devem ser simples e de manuseio fácil, proporcionando ao aluno uma prática utilização.

Resistência: os recursos didáticos devem ser confeccionados com materiais que não se estraguem com facilidade, considerando o frequente manuseio pelos alunos.

Segurança: os materiais não devem oferecer perigo para os educandos.

Os livros infantis que foram adequados deveriam ser indicados pela própria aluna durante a permanência das bolsistas no ambiente escolar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As bolsistas tinham autorização prévia da Direção da EMEF para realizarem suas atividades pelo menos uma vez por semana na sala de aula da professora do 2º. Ano. Tal fato deveu-se à parceria firmada através de convênio estabelecido através da Secretaria Municipal de Educação de Marília que aceitou formalmente participar do Subprojeto PIBID Pedagogia Alfabetização da FFC.

A professora de Paula, regente da classe, recebeu cada bolsista e apresentou-as aos alunos como futuras pedagogas que permaneceriam na sala de aula para observar e aprender como se realiza o trabalho de uma educadora. Para todas as bolsistas a professora relatou que Paula é bastante aplicada em suas tarefas, atenta às informações e as instruções, desempenha de forma adequada a escrita e a leitura com o sistema braile. Para escrever utiliza uma máquina Perkins cedida pela Secretaria Municipal de Educação. A professora também disse que a escola ainda não dispõe de livros escritos em braile, fato que limita bastante a participação da aluna nessas tarefas de

leitura. Eventualmente, um colega lia para Paula uma história para que pudesse realizar exercícios relacionados a essa atividade.

Durante as manhãs em que cada uma das bolsistas permanecia na classe de Paula, realizavam a observação do seu desempenho nas atividades acadêmicas, conversavam sobre as ocorrências em sala de aula e acompanhavam suas ações. Inicialmente, as bolsistas perceberam que Paula conversava pouco com os colegas, mas, restringia sua interação a quem se sentasse ao seu lado, fosse uma colega ou uma das bolsistas. Sá, Campos e Silva (2007) destacam que a linguagem favorece o desenvolvimento cognitivo porque proporciona o relacionamento e amplia os meios de controle do que está fora de alcance pela limitação visual. É provável que Paula não desenvolvesse habilidades de comunicação para interagir com outras crianças ou pessoas, a não ser as quem estavam próximas, em consequência da própria condição visual.

As bolsistas observaram que a aluna realizava a leitura da escrita braile (exercícios encaminhados pela Professora de Sala de Recursos da Secretaria Estadual de Educação) com certa habilidade, sem pressa, porém, conseguia desempenhar com destreza a leitura tátil dos pontos. Cada bolsista, durante o tempo que acompanhou as ações de Paula, perguntava-lhe sobre o interesse por livros de história e a aluna destacava sua vontade de ler tais obras. Porém, em seus relatos informais à bolsista que a acompanhava destacava (em consonância com a informação da professora da classe) que na escola não havia livros em braile para que pudesse ler como seus colegas liam em tinta.

Os interesses e as necessidades educacionais da aluna foram relatados pelas bolsistas nas sessões de orientação e foram planejadas as adequações de alguns livros de histórias infantis em tinta que faziam parte do acervo da EMEF.

Considerando as indicações da aluna e os critérios assinalados por Cerqueira e Ferreira (2000) foram adequados os seguintes livros:

- No cabide da vovó – Editora Lê - Texto de Santuza Abras
- O passarinho vermelho – Editora Ática - Milton Camargo e Rodrigo Frank
- O guarda-chuva do vovô – Editora DCL - Texto de Carolina Moreyra
- O menino que descobriu as palavras – Editora Ática - Texto de Cineas Santos e Gabriel Archanjo.

As adequações envolveram escolha de texturas de papéis, cortiça de diferentes espessuras, tecidos, fios, tinta tridimensional, algodão, E.V.A e escrita em braile, na mesma proporção em que aparecem nas páginas dos livros infantis. Segundo os critérios utilizados as texturas proporcionam maior aproximação dos conceitos e melhor entendimento da mensagem da história.

A seguir, exemplos dessas adequações:



Figura 1 - Exemplos de adequações do livro “No cabide da vovó”



Figura 2 – Exemplo de adequação do livro “O passarinho Vermelho”



Figura 3 – Exemplo de Adequação do livro “O guarda-chuva do vovô”

Segundo Valente (2010) nas últimas décadas, além do acesso a documentos escritos, têm-se tornado relevante possibilitar aos cegos a aproximação das imagens ilustrativas, pedagógicas e artísticas. Percebe-se um acréscimo de propostas de adequação tátil de conteúdos visuais e pictóricos para essas pessoas. Tais propostas são voltadas para: 1) a ilustração de livros de história infanto-juvenis; 2) a vinculação de conceito e imagem em livros pedagógicos e principalmente em métodos de alfabetização para crianças cegas; 3) a tradução tátil-visual de obras pictóricas ou editoriais; 4) outras propostas editoriais, buscando oferecer melhor entendimento em áreas como geografia, biologia ou patrimônio histórico.

A proposição de uma ilustração que acompanha a sequência de uma história em um livro infantil não tem necessariamente o objetivo de contemplar novos conteúdos, nem tampouco acrescentar elementos alheios, mas, pode-se afirmar que todas essas propostas enfrentam situações tais como: adequar imagens figurativas, criadas pelos que veem, para serem vistas, para que possam ser sentidas e produzam sentido no contexto daquele que não vê ou nunca viu? Corroborando esses achados, Preto (2009) assinala que em se tratando da área gráfica existe uma infinidade de processos, insumos e técnicas, que carecem de pesquisas e adaptações para melhorar o acesso ao material impresso às pessoas deficientes visuais. Segundo a autora “no próprio sistema de serigrafia, poderiam ser feitas pesquisas com a utilização de tinta acrílica em diferentes substratos e uma comparação desta com a tinta PUF, para determinar qual insumo oferece uma melhor legibilidade para os alunos cegos” (p. 121, 2009).

Outro caminho apontado pela pesquisadora sugere considerar o respeito à avaliação destes livros em sala de aula com um grupo grande de usuários. Preto destaca que:

A literatura discorre sobre a importância desse recurso adaptado para o desenvolvimento da cognição, linguagem e imaginação da criança cega. Relatos de participantes desta pesquisa indicaram a importância de disponibilizar o livro adaptado para a população em geral e junto com ele um manual de orientação,

considerando o notável desconhecimento das pessoas a respeito do recurso e da maneira correta de utilizá-lo (p. 122, 2009).

Muitos dos projetos de publicação de livros táteis, com razoável repercussão de público, começaram com um livro artesanal confeccionado por pais ou educadores que, bem aceitos pelas crianças deficientes visuais, promoveram a elaboração de outros livros. Gradativamente, as publicações vão se aprimorando e desenvolvendo suas técnicas de impressão e as formas de adaptação em relevo de conteúdos visuais. Griffin e Gerber (1996) destacam que entre as representações gráficas temos, em relevo, linhas retas e curvas, formas geométricas e contornos de objetos. Os autores sugerem que a representação gráfica seja apresentada aos poucos, uma atividade de cada vez, pois, apreciá-la por inteiro, antes que a criança esteja familiarizada com as partes componentes pode causar confusão quanto à estimulação tátil.

Abravanel (1970) observou que as crianças de 4 a 6 anos mostram preferência por objetos tridimensionais, pois estes são mais facilmente percebidos ao serem agarrados, seguros e apertados. Tal fato pode relacionar-se a outro aspecto da representação gráfica é a dimensionalidade. O autor constatou também que, ao examinar objetos bidimensionais, as crianças de idade pré-escolar demandam especial atenção à textura.

As bolsistas apresentaram os livros, cada qual de uma vez à aluna durante as atividades de leitura comuns a todos na sala regular. Paula tateou cada ilustração com calma e bastante interesse. Livro por livro, foi lido e interpretado em seguida pela aluna que fez considerações importantes quanto aos materiais utilizados nas adequações. Relatou que em cada página fica mais interessante escrever em braile até a metade e em seu restante utilizar a ilustração tátil, pois, considerou que escrever na página inteira e ilustrar na página seguinte deixa o leitor com deficiência visual muito ansioso pela informação tátil. Sá, Campos e Silva (2007) destacaram que os sentidos têm as mesmas características e potencialidades para todas as pessoas. As informações

tátil, auditiva, sinestésica e olfativa parecem ser mais desenvolvidas pelas pessoas cegas porque elas dependem desses sentidos mais amiúde para decodificar e armazenar na memória as informações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo pretendeu apresentar os resultados de experiências com adequação de livros de história infantil, por parte de bolsistas do Subprojeto PIBID Pedagogia Alfabetização e de uma aluna com cegueira que realizou a leitura desses recursos adaptados. O processo de inclusão de crianças com deficiência permanece apresentando ações pontuais que buscam minimizar os efeitos que algumas limitações impõem aos alunos.

As bolsistas realizaram análise, planejamento e confecção de livros que facilitassem o acesso da aluna à leitura de textos, condição essencial para a inclusão escolar com qualidade na aprendizagem e garantia de igualdade de oportunidades. O fato de ingressar no universo da escola e das interações que ocorrem no ambiente da sala de aula também representou importante momento na formação acadêmico-pedagógica dessas futuras educadoras.

A aluna com deficiência visual realizou a leitura dos livros e demonstrou grande interesse na exploração tátil das texturas utilizadas. As ações desenvolvidas pelas bolsistas na execução das adequações proporcionaram momentos de pesquisa e formação que fundamentam também o entendimento da real inserção de crianças com deficiência no ambiente escolar. As licenciandas puderam experienciar na realidade escolar as situações que permeiam o processo de ensinar e de aprender vivenciadas por uma aluna com deficiência visual que, como todas as crianças que convivem nesses espaços educacionais, desejam e anseiam tornarem-se participantes de fato e de direito numa escola para todos.

6 REFERÊNCIAS

ABRAS, S. **No cabide da vovó**. São Paulo: Editora Lê, 2005.

ABRAVANEL, E. Choice for shape versus textural matching by young children. **Perceptual and Motor Skills**, George Washington University, 1970. 31, 527-533.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 2ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CAMARGO, M.; FRANK, R. **O passarinho vermelho**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

CAVALCANTE, R. S. C. A inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais na sala de aula do ensino regular: o papel do professor. **Temas sobre desenvolvimento**, vol. 9, nº. 52, p. 31-5, 2000.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. Os recursos didáticos na educação especial. Rio de Janeiro: **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, 15. ed., abril de 2000, p. 17- 24.

GRIFING, H. C. e GERBER, P. J. Desenvolvimento tátil e suas implicações na educação de crianças cegas. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, 5. ed, dezembro de 1996, p. 13 - 18.

LAPLANE, A. L. F.; BATISTA, C. G. Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol.28, no. 75 p. 209-227, maio. 2008.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREYRA, C. **O guarda-chuva do vovô**. São Paulo: Editora DCL, 2007.

NUNES, S.; LOMONACO, J. F. B. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 14, n. 1, June, 2010 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572010000100006&lng=en&nrm=iso . access on 14 Mar. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572010000100006>.

OLIVEIRA, F. I. W. de. Proposta de orientação a professoras de ensino especial: favorecendo a integração de deficientes visuais. São Carlos: UFSCAR, 1995. 113 p. **Dissertação de Mestrado** (Educação de Indivíduos Especiais)-UFSCar. CECH-Centro de Educação e Ciências Humanas. EEs.

_____. O professor diante da inclusão do aluno com visão subnormal: a utilização de materiais didáticos adaptados para o ensino. Marília: [s.n.], 2001. 162 f.: il. **Tese de Doutorado**. UNESP

_____. **Percepção de educadoras da educação infantil da cidade de Marília sobre necessidades educacionais especiais de seus alunos deficientes visuais**. UNESP, 2009. Trabalho não publicado.

PELOSI, M. B., SOUZA, V. L., SCHREIBE, A. H. & DAN, C. Y. Adaptação de livros de histórias: recurso de imersão nos símbolos. In: Nunes, L. R., Pelosi, M. B. & Gomes, M. R. Vol. 1. **Um retrato da comunicação alternativa no Brasil** (pp. 243-248). Rio de Janeiro: Quatro Pontos, 2007. Disponível em: <http://www.lateca->

uerj.net/publicacoes/docs/Adapta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Livros%20de%20Hist%C3%B3rias.pdf Acessado em: 15/06/2011.

PRETO, V. de O. **Adaptação de livros de literatura infantil para alunos com deficiência visual.** Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.

SÁ, E. D. de; CAMPOS, I. M. de; SILVA, M. B. C. **Atendimento educacional especializado: deficiência visual.** Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.

SANTOS, C.; ARCHANJO, G. **O menino que descobriu as palavras.** São Paulo: Editora Ática, 2006.

VALENTE, D. OS DIFERENTES DISPOSITIVOS DE FABRICAÇÃO DE IMAGENS E ILUSTRAÇÕES TÁTEIS E AS POSSIBILIDADES DE PRODUÇÃO DE SENTIDO NO CONTEXTO PERCEPTIVO DOS CEGOS. **REVISTA EDUCAÇÃO ARTE E INCLUSÃO.** Trajetórias de Pesquisa Florianópolis, Vol. 02 – 2010 – Jan/dez 2009.